



José Soares

## Festa da Família

Mais do que um número de calendário, o Natal é um encontro profundo com o que de mais íntimo existe na experiência humana: a necessidade de pertença, de afeto e de reencontro. Por isso, não seria exagero chamá-lo **FESTA DA FAMÍLIA**. Embora cada cultura celebre à sua maneira e cada casa tenha as suas tradições, há um elemento universal que atravessa fronteiras e gerações: o calor humano que se acende quando nos juntamos.

Este calor não vem apenas das lareiras, das luzes ou das cozinhas que fervilham de aromas familiares. Vem das pessoas.

Daquela mesa maior que se estende para caber mais um. Daquela história que já ouvimos cem vezes, mas que nos sabe melhor quando é repetida entre risos. Do gesto simples de preparar um prato que alguém gosta, apenas para mostrar cuidado. É um calor que nasce da memória partilhada, de laços que se reforçam, de tensões antigas que, por um instante, se tornam menos importantes.

O Natal tem a particularidade de suspender o tempo. Por algumas horas, ou alguns dias, é como se ficassemos disponíveis para olhar verdadeiramente uns para os outros; Para perguntar com sinceridade – *Como estás?* Para repa-

rar na mudança dos mais novos e na serenidade dos mais velhos; Reconhecer que, apesar das distâncias e dos desafios do ano, continuamos ligados por algo maior do que o quotidiano.

E mesmo quando a família não é grande, ou quando faltam cadeiras que antes estavam ocupadas, o Natal ensina-nos outro tipo de calor: O da memória e o da presença interior. A saudade assume uma doçura especial quando misturada com gratidão. O silêncio pode também ser um lugar de reunião, onde recordamos a importância que certas pessoas tiveram no nosso caminho.

Talvez seja essa a verdadeira força desta festa: Lembrar-nos que ninguém vive sozinho. Que precisamos uns dos outros, não apenas para celebrar, mas para existir plenamente. O Natal chama-nos a abrandar, a escutar, a acolher; a abrir espaço para o perdão, para o reencontro, para a ternura que tantas vezes escondemos durante o ano.

No fundo, o calor humano do Natal não está nos enfeites nem nos presentes — está na capacidade de olhar para quem está ao nosso lado e reconhecer ali um pedaço de casa. Por isso, sim: o Natal podia muito bem chamar-se **FESTA DA FAMÍLIA**. Não porque a inventou, mas porque a reaviva.



Eduardo Bettencourt Pinto

## Éramos uma terra entre nós

No meu imaginário da infância, vejo a minha mãe sentada à mesa, sóbria e modesta, na sala de jantar da casa de adobe, nas Salinas, sul de Angola. Está sob a imensa noite africana. A tépida luz do candeeiro a petróleo emite pequenas e frágeis cintilações ao seu redor enquanto escreve uma carta para a minha avó Irene, em Ponta Delgada.

– Será que chega antes do Natal, José?

Do lado de fora, algures nos matos, chega-lhes o riso cínico das hienas. De súbito, o farejar de um leão junto à porta. Apreensiva, olha de relance para o meu pai, que já coloca cartuchos na espingarda.

– Ouves, José?

O meu pai pressiona um dedo contra os lábios, pedindo silêncio. Exibe uma expressão determinada no rosto. A luz ambiente reflete-se nas lentes dos óculos, com um tom laranja exangue, enquanto avança em direção à porta, arma em riste. Tem mais duas balas no bolso direito das calças. Nunca se sabe.

Passados momentos, um silêncio carregado de mistério interpõe-se entre eles e o animal.

– Será que se foi embora, José? Ou estará deitado lá fora?

– Não há razão nenhuma para ele estar aqui à espera de uma bala. Escreve. Amanhã vou à Gabela<sup>i</sup> deixar a carta. Nem que vá a pé.

\*\*\*

Mamã

Salinas, Natal de 1956

Temos o Natal à porta.

Escrevo com o cansaço de um dia imenso. Mais pelas arbitrariedades deste clima inclemente do que por qualquer outro fator. Embora esteja ocupado com a fazenda, José ajuda-me bastante com as crianças.

Esta manhã, reparei que a minha pele tem perdido a cor europeia. Não está áspera como a casca de uma árvore, mas escureceu sem que me apercebesse. Gosto desta vida, apesar do isolamento social. Mas às vezes a cor dos dias parece esvaír-se nas minudências do quotidiano, um sopro entre céu e terra, sem as novidades de uma cidade às quais estava habituado. Se não fosse o *Diário dos Açores*, que Mamã tem o cuidado de enviar cada vez que escrevo, ficaria com a sensação de que o mundo é só este, entre cafeeiros, palmares,

calor, sol e chuva.

A ténue luz do candeeiro ajuda pouco, ainda mais com o vidro chamuscado pelo fumo do uso. Os meninos estão na cama. Tomaram banho na selha lá fora com a água fresca do rio, a metros daqui, e que passa pela nossa propriedade com pequenos peixes e até camarão! É um espaço de deleite, mas que não tem a fascinação do mar das nossas ilhas.

Tencionava enviar a Mamã algumas fotografias recentes dos meninos, mas José esqueceu-se de levar o rolo na última vez que foi à Gabela. Fica para a próxima vez.

Improvisei uma pequena árvore de Natal que um trabalhador trouxe do mato. Está num canto da sala, enfiada numa lata de azeite, dessas grandes, e disfarçada com um papel vermelho que encontrei numa caixa. Não temos presépio, nem o cheiro nem as luzes de Natal, mas sim o espírito dessa tradição. Trouxe tudo isso da ilha – a solenidade, a crença e a devoção ao Menino. É nestas alturas que a saudade aperta mais – estar com a família desse lado, as lembranças. Mas a terra e o mar que nos separam são muito grandes.

Fico por aqui. O José meteu-se no quarto e já deve estar encostado. Acorda muito cedo. Faz o café e vai bebê-lo lá fora, na entrada da casa, mesmo de pé. Ali mesmo fuma o primeiro cigarro. É um hábito de anos.

Votos de um bom Natal e com as boas recordações daqueles que passámos juntos. Beijinhos para a Mamã e Josezinho dos meninos, e meus. Para a família também. Cumprimentos do José.

Maria Eduarda

<sup>i</sup> Fundada com o nome N'Guebela em 1907, e situada no município do Amboim, Cuanza-Sul. Grande centro agrícola, mormente fazendas de café, tido com dos melhores do mundo nos anos de 1970.

A fazenda Maria Eduarda era um lugar isolado do mundo, a cerca de 30 quilómetros da Gabela, terra onde nasci. Nos anos cinquenta, as estradas em Angola (vulgo picadas) tornavam-se, na estação das chuvas, quase intransitáveis. A valentia dos rústicos automóveis da época não chegava para enfrentar lamaçais e buracos. Era frequente ficarem atolados, e à mercê daqueles que eventualmente pudessem dar um reboque. Por força das circunstâncias, o meu pai fez o trajeto a pé até à Gabela inúmeras vezes, de botas de cano alto e panamá.